

# MOVIMENTOS SOCIAIS



*O comportamento dos movimentos sociais e do ex-presidente Lula diante do cenário de abril foi fundamental para a construção de uma narrativa contundente: Lula é preso político, e não há possibilidade de reconstrução democrática enquanto essa gravíssima situação se mantiver.*

A situação da democracia brasileira é mais grave a cada mês que se efetuam as análises de conjuntura. Dessa vez, ocorre a maior articulação judicial e política desde o golpe de 2016. Lula está preso em Curitiba (PR).

No entanto, a “expectativa” que foi artificialmente criada no Brasil em torno desse momento obscuro da história não foi plenamente atendida. Primeiro porque a narrativa golpista que se construiu em torno desse ataque à democracia não surtiu efeito algum, e, segundo, porque a reação dos movimentos sociais foi suficiente para apontar um duro caminho de resistência para o próximo período.

Queriam Lula preso a qualquer custo. Não se amparam em nenhuma circunstância jurídica minimamente aceitável, e a população parece ter entendido isso. Não por acaso, os números de rejeição e daqueles que defendem a prisão do ex-presidente são bastante parecidos. Em linhas gerais: quem não quer Lula candidato a presidente, não quer Lula em liberdade.

Esse raciocínio se apresenta de forma muito efetiva no argumento dos grandes grupos de mídia e dos

chacais do Poder Judiciário que julgaram Lula. No entanto, as horas que antecederam a apresentação do ex-presidente contaram outra história.

É verdade que o mundo da TVT e o mundo da TV Globo se baseiam em fatos totalmente diferentes. Mas, dessa vez, as imagens dos canais foram uma só. A estratégia alinhada com a direção dos sindicatos, dos movimentos sociais e da própria comunicação produziu uma narrativa própria, potente, que fez até mesmo a Globo News valer-se de imagens da TVT para a transmissão daqueles fatos.

Lula falou ao vivo para o Brasil, em pleno sábado de manhã. Foi assistido por milhões de pessoas e construiu a narrativa de sua apresentação às forças anti-democráticas por suas próprias palavras. Ali não havia nenhum tipo de resignação ou culpa. Tratava-se de um líder popular que se apresentava a um poder reacionário e violento. Jamais na história do Brasil um homem prestes a ser preso foi capaz de contar a sua verdade dessa forma.

O que aconteceu nos dias em São Bernardo foi a pre-

paração, por parte dos movimentos sociais que lá estiveram, em especial o MTST, para esse tenebroso momento da história. Que chegou até a ser belo, apesar da enorme tristeza que tomou conta daquelas horas.

As lideranças dos movimentos sociais mais representativos do país e dos partidos que compõem o campo progressista nacional não arredaram pé do Sindicato até o momento em que Lula foi ao encontro de seu injusto destino. Guilherme Boulos, pré-candidato a presidente pelo Psol, e Manuela D'Ávila, pré-candidata a presidenta pelo PCdoB, se mantiveram ao lado de Lula o tempo todo.

Essa simbologia política criada por Lula e ressoada por todos que lá estavam representou a profundidade política e ideológica desse momento. Lula ter encerrado a sua fala levantando os braços dos dois pré-candidatos e deixando-se carregar pelos braços do povo é a grande fotografia daquele dia. E talvez uma das mais importantes da história de Lula.

Porque ali as barreiras da fragmentação política da esquerda, dos projetos pessoais, do individualismo foram ultrapassadas. A experiência coletiva de São Bernardo, que em nenhum momento deixou de ser tensa ou triste, é uma experiência política que muitos dos que estavam lá talvez nunca tivessem vivido.

Isso representa um potencial criativo e de força de resistência impressionante. Não por acaso, dos dias que se seguiram à prisão de Lula, foram ocupadas, pelo MST, diversas fazendas que são propriedades de homens que defendem esse abuso autoritário que vive o Brasil. O MTST, por sua vez, ocupou, ainda que por poucas horas, o famigerado triplex, provando inclusive que as reformas que Moro usou em sua sentença sequer existiram.

A intensa manutenção dessa agenda política de ma-

nifestações marca uma nova etapa da atuação dos movimentos sociais ante o golpe: a mobilização agora é intensa, permanente e descentralizada. Essas pequenas ações contribuem para a manutenção de um item essencial à narrativa que se constrói no momento: haverá indignação todo o tempo e não vai parar até que seja devolvida a liberdade de Lula.

O epicentro desse processo, obviamente, é Curitiba. O acampamento em frente ao prédio da Polícia Federal já dura mais de duas semanas, numa vigília permanente em defesa da liberdade e da democracia. O acampamento incomodou. As ocupações incomodaram. Isso por si só já demonstra que essas ações surtem efeito, e devem se manter.

A disputa do simbólico em torno de Lula tem sido exitosa. As cartas para Lula, o bom dia presidente que se dá diariamente e as inúmeras filiações que o PT recebeu após o dia 6 de abril apontam para o fato de que esse movimento segue crescendo.

A agenda política do país está vazia, sem oposição, sem movimento político eficaz. Até quando o poder se segura nesse contexto?

Não há nenhuma sinalização de agenda que ao menos tente mostrar uma possível mudança positiva de vida das pessoas. O marasmo pré-eleitoral do Poder Legislativo parece ter vindo antes da hora.

As próximas ações dos movimentos sociais serão fundamentais para a construção da correlação de forças que orientará o segundo semestre no Brasil. O jogo não está zerado, mas é inegável que a prisão de Lula esvazia a pauta da direita, que agora não tem mais um inimigo em condição de disputa justa e franca. É por isso que querem mantê-lo calado.

Lula vai seguir disputando o Brasil, com o apoio do povo.